

O sentido do trabalho nos canaviais para os Guarani Kaiowá da aldeia Te'yikue – Caarapó-MS¹

The meaning of work in the cane for the Guarani the Kaiowá of the Te'yikue - Caarapó-MS

RENATA XAVIER CARNIEL

Graduação em Letras e Psicologia. Especialização em Psicologia Organizacional e do Trabalho.
Mestrado em Programa Pós-graduação em Psicologia & Sociedade.
renata.carniel@unesp.br

CLAUDIA APARECIDA VALDERRAMAS GOMES

Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP/Bauru,
com Mestrado e Doutorado em Educação - Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP/Marília.
Docente no curso de Graduação, departamento de psicologia social, e no Programa de Pós-Graduação
em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Assis - área de conhecimento Psicologia
e Sociedade. Pesquisadora e líder do Grupo de Estudos Marxistas em Educação e Psicologia -
GEMEPSI - UNESP/Campus de Assis-SP. claudia.gomes@unesp.br

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é apreender quais os significados e os sentidos que o trabalho executado nas usinas de cana-de-açúcar entre 1980 e 2000 teve para o povo indígena da aldeia Te'yikue, localizada no município de Caarapó-MS, utilizando os fundamentos e pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico dialético e da psicologia histórico-cultural. O estudo empregou a entrevista narrativa para a produção dos dados e para a análise dos resultados seguiu a metodologia dos núcleos de significação. Quanto aos resultados, o estudo revela que o sentido é, de fato, pessoal, subjetivo, uma síntese elaborada individualmente a partir da vivência individual de uma situação coletiva, da história singular de cada um em unidade dialética com a história social de uma época, datada e objetivada por inúmeros registros, dando os contornos subjetivos a cada narrativa indígena sobre uma vida de trabalho. Outro indicador dos resultados, é a historicidade dos sentidos: sua transitoriedade e multideterminação.

Palavras-chave: Psicologia histórico-cultural. Trabalho. Desenvolvimento humano. Significados-sentidos.

ABSTRACT

The objective of this research is to understand the meanings and senses that the work carried out in the sugarcane mills in 1980s and 2000s had for the indigenous people of the Te'yikue village, located in the municipality of Caarapó-MS, using the theoretical and methodological foundations and assumptions of dialectical historical materialism and historical-cultural psychology. The study used narrative interviews to produce data and followed the methodology of the Nuclei of Significance to analyze the results. As for the results, the study reveals that the meanings are, in fact, personal, subjective, a synthesis elaborated individually from the individual experience of a collective situation, from the singular history of each person in dialectical unity with the social history of an era, dated and objectified by numerous records, giving subjective contours to each indigenous narrative about a life of work. Another indicator concerns the historicity of the meanings: their transience and multidetermination.

Keywords: Cultural-Historical Psychology. Work. Human development. Meanings-Senses

INTRODUÇÃO

¹ Recebido em março de 2024. Aceito em setembro de 2024.

Esta pesquisa de Mestrado foi realizada na aldeia Te'yíkue, localizada no município de Caarapó, estado do Mato Grosso do Sul. Essa área indígena está a 19 km da área urbana e foi demarcada em 1924 pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Possui 3.600 hectares de terra, abrigando, em regime de confinamento, mais de 3.000 mil índios das etnias kaiowá e guarani.

Os povos guarani são subdivididos em duas parcialidades: na grande maioria Kaiowá e em menor número Ñandeva que se autodenominam guarani-kaiowá, que originalmente, cultivavam a economia da reciprocidade, cujo processo de produção era bem simples e orientado pelas necessidades familiares, bem como a divisão do trabalho. Não existia a imposição quanto a utilização de recursos para a produção e as trocas eram comprometidas com a redistribuição de produtos mais elaborados (SOUZA, 2002).

Considerando numa perspectiva provável, o sistema econômico das comunidades guarani kaiowá tinha como base e sustentava no parentesco e se caracterizava dessa maneira: a produção era orientada pelas necessidades familiares; o processo de produção era simples, bem como a divisão do trabalho; a produção de alimentos era predominante; não existia imposição quanto a utilização de recursos para a produção e as trocas eram comprometidas com a redistribuição de produtos mais elaborados. É neste processo que o grupo familiar aparecia, tanto como unidade de produção quanto de consumo. Pode ser considerado como sendo um “segmento autônomo no interior do conjunto social mais amplo” (SOUZA, 2002, p.223). Os modos como o trabalho era organizado e como os resultados e os produtos eram distribuídos eram decisões domésticas que visavam, sobretudo, a satisfação e o bem-estar da família.

Mas, a aproximação dos povos guarani e kaiowá com a sociedade ocidental e com os modos de produção capitalista desestabilizou o modo de vida tradicional, os obrigando a se inserirem neste sistema, como explica o historiador, antropólogo e indigenista Antônio Brand.

As primeiras frentes não-indígenas adentraram pelo território kaiowá e guarani, a partir da década de 1880, após a guerra do Paraguai, quando se instala na região a Companhia Matte Laranjeira. Esta Companhia, embora não questionasse a posse da terra ocupada pelos índios, nem fixasse colonos e desalojasse comunidades, definitivamente, das suas terras, foi, contudo, responsável pelo deslocamento de inúmeras famílias e núcleos populacionais, tendo em vista a colheita em novos e por vezes distantes ervais. Interferiu menos, ao que parece, na estrutura social interna dos Kaiowá e Guarani do que as iniciativas posteriores. Tampouco constituíram problema mais sério as primeiras fazendas de gado que no final do século XIX e início do século XX se instalaram nas regiões de campo entre Amambai, Ponta Porã e Bela Vista, pois, como já dito acima, os Kaiowá e Guarani localizavam suas aldeias, preferencialmente, nas regiões de mata (BRAND, 2004, p. 139).

A situação dos guarani e kaiowá foi alterada drasticamente após o término da Guerra do Paraguai, entre 1864 a 1870. Uma das consequências da guerra, tanto para o Brasil quanto para o Paraguai, foi a demarcação das terras na região de fronteira, permitindo que os combatentes mantivessem contato direto com os índios e com ervais nativos. A partir daí se iniciam as primeiras ocupações na região de fronteira do sul do estado, até então denominado Mato Grosso e, concomitantemente, as explorações econômicas capitalistas que se sucederam. Inicialmente, veio a erva-mate, depois as fazendas de gado, as colônias agrícolas, o plantio de soja (monoculturas na década de 70) e, finalmente, a indústria sucroalcooleira na década de 1980 e que, ao mesmo tempo, que seus territórios eram invadidos, suas matas e rios destruídos pelos colonos, “passavam a ser vistos como importante reserva de força de trabalho a ser utilizada nessas sucessivas fases exploratórias. (BUCKER et al, 2012, p. 192).

Seguindo a trajetória histórica, Brand (2004) relata que entre 1915 e 1928 foi demarcado pelo Governo Federal oito “pequenas extensões de terra para usufruto dos Kaiowá e Guarani, perfazendo um total de 18.124 ha, com o objetivo de confinar os diversos núcleos populacionais dispersos em amplo território ao sul do atual estado do Mato Grosso do Sul”. O autor afirma que essa demarcação foi orientada pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), e serviu de “importante estratégia governamental de liberação de terras para a colonização e conseqüente submissão da população indígena aos projetos de ocupação e exploração dos recursos naturais por frentes não-indígenas”. Ou seja, nas demarcações não foram considerados a organização social dos povos indígenas, bem como seu relacionamento com o território e com os recursos naturais (BRAND, 2004, p.138).

Após a demarcação das terras indígenas e a contínua colonização, pautada no desenvolvimento econômico do estado, no ano de 1943 o governo Getúlio Vargas criou a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), cujo intuito era “possibilitar o acesso à terra para milhares de famílias de colonos, migrantes de outras regiões do país. A instalação dos colonos em território indígena provocou, de imediato, problemas diversos e graves, pois questionou sua presença e impôs a sua transferência para outros espaços”. O autor ainda recupera que, a partir da década de 1950, instalam-se vários empreendimentos agropecuários em territórios ocupados pelos guarani e kaiowá, como a monocultura da soja e, como consequência, acentua-se o processo de confinamento nas reservas e também o desmatamento, comprometendo decisivamente a biodiversidade (BRAND, 2004, p. 140).

As destilarias chegam ao recém-criado estado de Mato Grosso do Sul no início da década de 1980 “com uma grande demanda de mão de obra, vislumbrando nos indígenas,

expropriados dos meios necessários para garantir a sua subsistência, os trabalhadores ideais para o plantio e corte da cana-de-açúcar, o que contribuiu para a continuidade do processo de assalariamento” (BRAND, 1997, p. 91)

No ano de 1980, o governo do Mato Grosso do Sul incentivou a instalação de usinas de produção de açúcar e álcool, iniciando o processo de assalariamento de mão de obra indígena para o cultivo da cana-de-açúcar. Estes trabalhadores permaneciam em alojamentos próximos aos canaviais em precárias condições de higiene e segurança e retornavam para a aldeia a cada sessenta dias.

Esta relação de trabalho foi alvo de muitas polêmicas ao longo de décadas, sendo configurado trabalho análogo a escravidão. Com a intervenção do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), Ministério Público Federal (MPF) e representantes de órgãos governamentais e não governamentais foi criado o Pacto Comunitário dos Direitos Sociais nas Relações de Trabalho Indígena que, atualmente, assegura melhor qualidade de vida a esses trabalhadores, além de direitos trabalhistas e previdenciários. Antes da consolidação dessas leis (que remonta quase vinte anos – entre 1980 a 1999) essa relação de trabalho foi marcada pela exploração e violação de direitos trabalhistas e, principalmente, dos direitos humanos.

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A psicologia histórico-cultural, fundamentada no materialismo histórico dialético, converge que a consciência é determinada pelas condições concretas de vida. Marx & Engels (1846/2007) escreveram que os fatos dos quais partem não são arbitrários nem dogmas, são pressupostos reais e que é no conjunto de suas relações sociais que a pessoa se constitui como verdadeiramente humano. Logo, são as condições reais e concretas de existência que produzem sua subjetividade e as formas singulares de linguagem, pensamentos, sentimentos e ações.

Assim, o processo de teorização, de construção de conhecimento científico deve ser mediado pela realidade. Vigotski, no início do século XX, se empenhou em demonstrar as relações entre a definição de problemas de pesquisa, métodos de investigação e os princípios lógicos ao empreender a análise dos fenômenos psicológicos.

Esta perspectiva, busca-se a produção de um conhecimento crítico em psicologia que passa, justamente, pela busca da historicidade dos fenômenos em sua concretude e materialidade. Kahhale & Rosa (2009) explicam que a matéria (categoria filosófica que significa a realidade objetiva) é movimento e que todo fenômeno contém uma contradição interna que gesta transformações quantitativas e qualitativas.

Significa todas as possibilidades reais e futuras e não só transferência mecânica ou deslocamento; envolve os movimentos mecânicos, as diversas formas físicas, químicas, biológicas e sociais. Todas as formas de movimento são interdependentes e interligadas, constituem uma unidade, pois umas dão origem às outras, implicando movimentos mais complexos, que caracterizam a dimensão histórica desse processo (KAHHALE & ROSA, 2009, p. 28).

São três as categorias do método materialista histórico-dialético para explicitar o movimento do real. A contradição é uma delas e possibilita o desvelamento de forças contrárias que constituem a realidade. Outra categoria é a mediação, que permite superar a ideia de que partes que constituem o todo podem ser apreendidas isoladamente, compreendendo como a “... singularidade se constrói na universalidade e, ao mesmo tempo e do mesmo modo, como a universalidade se concretiza na singularidade, tendo a particularidade como mediação” (OLIVEIRA, 2001, p. 01), o que implica que a pessoa constitui sua singularidade conforme o contexto e situações específicas (mediações sociais).

A totalidade é a categoria que permite explicitar o movimento do real e como as coisas são articuladas e interconectadas, mesmo quando não aparentes. Segundo Tonet (2013), a totalidade não é apenas um sinônimo de tudo, mas um aglomerado de partes, articuladas por mediações e contradições que estão em processo de efetivação. Também tem importância metodológica, pois caracteriza a realidade em si mesma.

Totalidade, portanto, como princípio metodológico, significa que nada pode ser compreendido de modo isolado. O sentido de cada parte, de cada fato, de cada dado só emerge na medida em que ele for apreendido como momento de um conjunto; como resultado de um processo através do qual cada um dos elementos parciais vai adquirindo a sua natureza e a sua especificidade. Trata-se, pois, de apreender o processo através do qual vão se constituindo, ao mesmo tempo, a totalidade de determinado objeto e as partes que o compõem, a hierarquia e a ordem entre os diversos momentos, o modo como se relacionam entre si o todo e as partes, sob a regência do primeiro, as relações das diversas partes entre si e a passagem de um momento a outro (TONET, 2013, p.116).

Considerando essas categorias, a tarefa da Psicologia é “... substituir a análise de um objeto pela análise do processo, da sua constituição, da sua gênese” (AGUIAR, et al 2009, p.129). Isso implica que o método deve possibilitar ao pesquisador estudar os processos psíquicos em seu movimento e que, portanto, seu papel “... não consiste simplesmente em descrever a realidade, mas em explicá-la e ser produtor de um conhecimento” (AGUIAR, et al 2009, p.132).

Para explicar a realidade do objeto, o pesquisador deve ir além da aparência e apreender o movimento do objeto, o que, segundo a autora, só é possível por meio da fala, que

é a palavra com significado, imprescindível ponto de partida para a análise, porém não abarca toda a totalidade do objeto. “Precisamos ir em busca do processo, das determinações, da gênese, entendidos aqui como propriedades essenciais”. (AGUIAR et al, 2009, p. 131).

Os autores supracitados advertem que, para compreender a fala não basta entender as palavras, é necessário compreender seu pensamento (que sempre é emocionado), é preciso apreender o significado da fala, que é a unidade do pensamento e da linguagem.

Os significados são construções históricas e sociais, ou seja, compartilhados pelos sujeitos, apropriados e configurados pelas pessoas conforme sua subjetividade. São o ponto de partida para a análise e conduzem à apreensão dos sentidos que, por sua vez, é mais amplo, instável e profundo que os significados (AGUIAR & OZELLA, p. 2013).

Os sentidos expressam a pessoa com mais precisão, pois compõem o conteúdo da sua consciência e são “... constituídos de complexas reorganizações e arranjos, em que a vivência afetiva e cognitiva do sujeito estão totalmente imbricadas” (AGUIAR & OZELLA, 2013, p. 305).

A categoria trabalho, na filosofia marxiana, é central para o desenvolvimento do gênero humano. Marx & Engels (1846/2007) afirmam que é pelo trabalho que a pessoa se distingue dos animais, dada a capacidade de se apropriar da natureza, agir sobre ela e imprimir suas características de maneira voluntária. Trata-se de um processo entre a pessoa e a natureza, por meio do qual se é capaz de regular e controlar, por sua própria ação, os fenômenos naturais e sociais. Como atividade especificamente humana, o trabalho, ao mesmo tempo que transforma a realidade objetiva, também contribui para transformar a subjetividade, ou seja, a pessoa compartilha significados e atribui sentidos a sua existência. Entretanto, o fato de o trabalho ter a capacidade de humanizar e transformar por vezes não se concretiza.

Na sociedade capitalista, marcada, principalmente, pela luta de classes e pelo interesse apenas na produção e no lucro, o que se observa é um distanciamento do trabalhador em relação ao seu objeto, ou seja, aquilo que ele produz. A pessoa não é livre para se apropriar da natureza e recriá-la à sua própria maneira. Nos Manuscritos econômico-filosóficos, Marx (1844/2008) apresenta as características do trabalho no modo de produção capitalista, fundada na exploração e, conseqüentemente, no estranhamento e alienação. Segundo ele, na sociedade capitalista o trabalho “aparece para o trabalhador como se (o trabalho) não fosse seu próprio, mas de outro, como se não lhe pertencesse, como se no trabalho não pertencesse a si mesmo, mas a um outro” (MARX, 1844/2008, p.83).

A relação dialética entre apropriação e objetivação expressa a essência da humanização, e é esse processo que diferencia a atividade vital humana da atividade dos animais. Além de sustentar essa diferença, também é responsável pela historicidade do gênero humano, conforme Duarte (2013, p. 54):

Cada indivíduo, ao longo de sua vida, entra em relação com um nível historicamente alcançado de desenvolvimento objetivado na humanidade. Nesse sentido, e apenas nesse, o gênero humano objetivado possui existência prévia à atividade dos indivíduos e determina o “mundo” no qual esta se realiza. (DUARTE, 2013, p. 54)

Apesar de o autor (2013) afirmar que a relação entre objetivação e apropriação, relacionada diretamente à atividade de trabalho, é a responsável pelo desenvolvimento histórico do gênero humano, considera, também, que ambos os processos são marcados pela contradição entre humanização e alienação. Portanto, humanização e alienação se ligam à atividade humana de trabalho.

Dito isso, verifica-se que a concepção de trabalho, como atividade laboral na teoria marxiana, se refere a um trabalho produtivo capaz de humanizar e emancipar o ser humano. Tem o caráter de diferenciar o homem do animal, já que é pelo trabalho que o homem se apropria da natureza, age sobre ela, imprime suas características de acordo com suas vontades. Todavia, o trabalho traz as marcas do processo de alienação que pode ser entendido como um processo de distanciamento e de conflito entre a riqueza material e intelectual do gênero humano e a vida de cada pessoa, ou seja, a maioria da população não tem acesso a todos os avanços e conquistas que a humanidade produziu por meio do trabalho.

Tais pressupostos acerca do trabalho como atividade laboral e sobre os processos de alienação, tão presentes no modo de produção capitalista, nos faz refletir sobre as desigualdades sociais e o quanto elas impedem o pleno desenvolvimento do indivíduo. O quanto o trabalho estranhado / alienado compromete não só a saúde física e mental, mas também tem papel fundamental no incremento das funções psíquicas e da consciência.

Com base nesta filosofia, a psicologia histórico-cultural defende que a consciência humana se forma por meio das relações concretas, materiais e dinâmicas da vida. O processo histórico de produção e reprodução social concretizado pelo trabalho, como atividade exclusivamente humana, explicita os modos como os significados sociais se consolidam na totalidade do psiquismo produzindo os sentidos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A PRODUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A produção dos dados aconteceu após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Assis-SP, conforme CAAE n. 97856818.2.0000.5401.

A seleção dos participantes desta pesquisa utilizou como critério de inclusão pessoas guarani kaiowá da aldeia Te'yikue, que trabalharam nas lavouras de produção de cana-de-açúcar entre as décadas de 1980 e 2000 e que, atualmente, exercem atividade distinta daquela, seja remunerada ou não. Para este estudo utilizamos para a análise três entrevistas de participantes de faixas etárias distintas, sendo dois do gênero masculino e uma do gênero feminino. Quanto a escolaridade, dois com nível superior e um com pouca escolarização.

Para a obtenção dos dados foram utilizadas as entrevistas narrativas, conforme (Jovchelovitch & Bauer, 2008). Esta técnica de investigação foi selecionada, pois restringe o entrevistador e concede maior liberdade ao entrevistado. Seguindo a indicação dos autores, a entrevista narrativa foi composta por quatro fases: a primeira foi a iniciação, em que nos apresentamos, explicamos os objetivos da pesquisa e os convidamos a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e formulamos o tópico inicial da entrevista. Em seguida, o participante fez a narração central, sem que houvesse interrupções por parte da pesquisadora. Após a narrativa, foram feitas algumas perguntas para sanar dúvidas e depois concluímos a entrevista de maneira informal (sem gravação do conteúdo).

De acordo com Jovchelovitch & Bauer (2008), esse tipo de instrumento metodológico pode ser utilizado em: investigações de acontecimentos específicos; projetos em que variadas versões estão em jogo e situações que combinem histórias de vida e contexto sócio histórico. No caso desta pesquisa, a utilização deste instrumento se justifica, pois se investigou um acontecimento específico que combina histórias singulares num dado contexto histórico que é o assalariamento do povo indígena da aldeia Te'yikue por usinas de açúcar e álcool.

Os dados produzidos foram analisados de acordo com a proposta de Aguiar & Ozella (2006, 2013) e Aguiar (2015) denominada Núcleos de Significação, procedimento metodológico de interpretação que permite avançar para além da descrição das informações.

A partir das leituras do conteúdo das entrevistas narrativas e da identificação de palavras inseridas num contexto que lhes atribui sentido, iniciaram-se as primeiras etapas da sistematização dos núcleos de significação. Este **primeiro passo** consistiu na identificação dos *pré-indicadores*, oriundos de leituras sistemáticas do conteúdo das narrativas.

De acordo com Aguiar (2015, p. 63) “... a palavra com significado é o mais importante material de análise e interpretação utilizado pelo pesquisador para apreender as significações constituídas pelo sujeito frente à realidade”. Porém, Aguiar & Ozella (2006) advertem que

não é a partir de qualquer palavra, mas daquelas inseridas num contexto que vai além do momento da narrativa até as condições histórico-sociais que o constituem.

Após a identificação dos pré-indicadores, fase mais empírica deste processo de análise e interpretação de dados, seguiu-se para a articulação dos pré-indicadores em indicadores. Segundo Aguiar (2015), no **segundo passo** do processo a tarefa é penetrar nos significados das palavras, abstrair toda a complexidade das relações contraditórias e históricas que o constituem. Em suma, nessa etapa, a intencionalidade de quem pesquisa deve ser a de apreender o “... modo pelo qual os pré-indicadores se articulam constituindo as formas de significação da realidade” (AGUIAR, 2015, p. 68).

Após a etapa de articulação e sistematização dos pré-indicadores em indicadores, chegou-se ao **terceiro passo** do processo de análise e interpretação de dados: a construção dos núcleos de significação, momento mais específico da síntese, que almejou, sobretudo, superar o discurso aparente dos elementos da realidade social e histórica.

Inferimos e sistematizamos quatro núcleos de significação, a partir dos dados empíricos produzidos por meio de entrevistas narrativas que nos permitiram perceber além da aparência, considerando as condições subjetivas, contextuais e históricas. São eles: **1)** Necessidades, motivos e as condições que determinaram a ida e a permanência dos guarani e kaiowá nas lavouras de cana-de-açúcar; **2)** Sobre o trabalho nos canaviais: características e estratégias para lidar com as dificuldades; **3)** O que e por que mudou? Transformações nos modos de pensar, de sentir e de agir após o trabalho nas usinas; **4)** Como estão e o que fazem após a experiência nas usinas? As atuais condições de vida e perspectivas para o futuro.

O primeiro núcleo de significação nos permitiu caminhar em busca do concreto que constitui a dimensão subjetiva das necessidades, dos motivos e das condições reais que condicionou a ida e a permanência dos guarani kaiowá da aldeia Te'ýikue nas lavouras de cana-de-açúcar. Ou seja, o que antecedeu essa atividade: a pobreza e a falta de perspectivas. Neste momento evidenciamos o *antes* desse processo.

As pessoas que participaram da pesquisa relataram que as necessidades que os fizeram aceitar o trabalho nas usinas de cana-de-açúcar eram as básicas de sobrevivência, tais como comer e vestir. Revelaram o desejo de melhorar de vida. Este trabalho representava, naquele momento, a esperança de construir uma história diferente com menos pobreza e mais dignidade. Conforme entrevista narrativa 1, sai e fui pra usina... porque... a dificuldade aqui na aldeia era... era muito, né! e a gente era em três irmão... e a minha mãe era a única pessoa que trabalhava, né! E... a minha mãe era separada também, né! (EN01).

A teoria de Alexei Leontiev (1978b) sobre necessidades e motivos nos auxilia na compreensão desta realidade. Segundo ele, a necessidade nada mais é do que um impulso, uma tendência que, ao ser preenchida com o conteúdo do objeto, se transforma em motivo. Assim, a ação no mundo, considerando suas necessidades, só se efetiva quando se consegue significar algo do mundo social como possível para satisfazer suas necessidades. É assim que a “... possibilidade de realizar uma atividade que vá em direção da satisfação das necessidades, modifica o sujeito, criando novas necessidades e novas formas de atividades” (AGUIAR & OZELLA, 2013).

Portanto, as necessidades evidenciadas por estas pessoas refletem o quanto a forma de produção capitalista abarcou, decisivamente, os modos de produção original dos povos guarani kaiowá. Originalmente, caçavam, pescavam, cultivavam a terra e viviam em pequenas comunidades de produção e consumo. Respeitavam os recursos naturais e deles se utilizavam de forma sustentável, de modo a não os tornar escassos, pois sabiam que sem eles não poderiam sobreviver. Porém, com a aproximação da sociedade capitalista, o modo de produção de vida tradicional não era mais suficiente, impunha novas necessidades. A entrevista narrativa 1 (EN 01) aponta neste sentido

muito, muito triste! não tinha o que fazer que não fosse na usina... ou podia carpi soja, arranca feijão, né! mas não se ganhava dinheiro suficiente, né! aí nessa época entro a usina e todo mundo gostava de ir porque chegava dinheiro, dava comprava... tudo o que não podia ter... e nessa linha aí o pessoal começo i.. (EN 01)

Neste primeiro núcleo, o que se destacou foram as necessidades que motivaram a decisão de aceitar o trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar, considerando-o como prioridade, mesmo sendo desgastante, alienado e distante dos modos de produção tradicional. Marx explica (1844/2008), que os modos de produção capitalista modificam a visão de liberdade, à medida que obriga a vender sua força de trabalho como uma mercadoria qualquer para conseguir sobreviver. Este trabalho, dissociado de quem efetivamente o realiza, que impossibilita ao trabalhador ter controle sobre o produto e sobre o processo de sua produção não humaniza, ao contrário, aliena e o afasta da condição de agente transformador da sua própria realidade.

Sobre o processo de alienação, Leontiev (1978a), alicerçado na teoria marxiana, destaca que ele pode ocorrer de duas formas: a primeira pela impossibilidade de acesso às riquezas, tanto materiais quanto imateriais, historicamente produzidas e a segunda pela dissociação entre o significado social da atividade e o sentido da ação. Nos modos de

produção capitalista, o trabalhador busca, por meio de sua atividade, satisfazer suas necessidades básicas, porém o produto objetivo dessa atividade é diferente.

O segundo núcleo de significação trouxe a realidade dos canaviais: suas características, o modo como os trabalhadores eram tratados e as estratégias utilizadas para lidar com as dificuldades de um trabalho desgastante, alienado e que não permitia o pleno desenvolvimento das pessoas. Neste momento, os relatos evidenciaram o *durante* deste processo, marcado, sobretudo pela dor e pelo sofrimento. Os trabalhadores indígenas ficavam de quarenta a sessenta dias em alojamentos, longe da aldeia e da família. No ato da contratação, que geralmente era informal, recebiam um adiantamento e, após esse período, o restante do salário, porém era descontado alimentação, remédios, despesas com alojamentos, etc.

As entrevistas narrativas 01, 02 e 03 (EN 01, EN 02, EN 03) revelam as mesmas situações pelas quais essas pessoas foram submetidas.

... É sessenta dias e sem voltar pra casa e depende muito da safra... tem uns que leva quarenta dias... tem uns que é sessenta... e... a gente ficava nesses sessenta dias aí... no trabalho mesmo... se é colheita, né! eles fala... naquela época chamava assim... corte, né! de cana... quando é assim é sessenta dias, né! alojamento... alojamento era distante da usina, né! A estrutura não era confortável não assim... era beliche, não era colchão...um ficava perto do outro... e... banheiro era longe assim... e tomava banho no rio, né! sempre fazia o alojamento assim... rente a rios ou açudes, né!. Na Debrasa quando eu fui... lá era na beirada, os alojamentos era na beirada do rio...um rio grande... e o maior sofrimento é quando você ia no período do frio, né! no frio, né! porque você se melava tudo com sujeira da cana, do corte, e você tem que chega e toma banho e... é sofrimento mesmo! (EN 01)

... fiquei quatro mês sem ver as criança nada! Ai no outro contrato eu fui de novo... cortei cana de novo... aí... o contrato era sessenta dias... ia e ficava lá sem vê a família às vez quarenta dia, as vez, sessenta! (EN 02)

Eu trabalhei muito, muito...dormi embaixo na lona... andava naquele fueiro... tudo isso a gente passo na usina pra trabalha! (EN 03)

O que o relato dessas pessoas sobre o trabalho nas usinas apresentou foi a vivência da fragmentação dentro do processo produtivo. Os trabalhadores indígenas se ocupavam de apenas uma das ações contidas no interior da produção de açúcar e álcool. Diferentemente das gerações anteriores, que sobreviviam dos produtos cultivados, armazenados e consumidos no interior da própria comunidade. A narrativa dessas pessoas, acerca do trabalho nas usinas, explicita a ruptura com a vivência das ações coletivas, do acompanhamento e gestão de todo o processo produtivo como acontecida na aldeia, já que as pessoas ficavam longos períodos fora a aldeia, rompendo com a característica familiar original.

Por meio deste núcleo também se pode observar que o sofrimento vivido nos alojamentos, devido às precárias condições e trabalho excessivo, era compartilhado. As expressões narrativas deram aos afetos um lugar na constituição dos sentidos, como um conteúdo da consciência representativo da memória que esses trabalhadores mantêm sobre tudo aquilo que vivenciaram. Essas narrativas expressaram sentimentos como tristeza, compaixão, solidariedade e respeito a dor do outro frente à dureza do trabalho.

... tinha gente que fugia de lá... porque o cabeçante era ruim batia... quando a gente não levantava cedo... ele ia na cama bate na gente... né! ai tinha que levanta e ir...tem gente que algum dia não queria ir, tava com dor... ficava na cama... ai ele vinha de lá...empurrava, colocava no caminhão pra ir trabalha... era assim... não foi fácil não! era um escravo! bem dizê escravo! Almoço era só meio dia... marmita cheia de terra, fria, às vez até azeda e depois só a janta! (EN 02).

... lá na usina é ... a gente sofre muito! a gente dorme embaixo do barraco... não sei o que... você vai sofrer muito! A gente almoça na poeira na roça... (EN 02)

O alojamento era um barraco de lona. Ah! home tinha bastante! o barraco era comprido assim... um atrás do outro. Era uma vila de barraco. Bastante home, bastante gente mesmo! Só que naquele barraco que eu tava, era quase tudo meu parente, primo tudo. Ai meu tio falava pra mim, você vai dormir aqui no meio de nós, se não esses home vai pegar você (EN 02)

.. tinha três tio meu junto comigo, primo...quase tudo minha família lá também... aí eles me ajudava, né! Porque a gente pegava eito pra cortar cana, né! ai ele me ajudava pra eu tirar meu eito... porque sozinha eu acho que eu não aguentava não! ai ele ajudava, né! corta cana (EN02)

Eu trabalhei muito, muito...dormi embaixo na lona... andava naquele fueiro... tudo isso a gente passo na usina pra trabalha! (EN 03)

Esses elementos materializam as ideias preconizadas pela psicologia histórico-cultural acerca da unidade de cognição e afeto na produção do sentido derivado da vivência de objetos, fenômenos e processos históricos. As narrativas indicaram que esses trabalhadores vivenciaram a contradição de vislumbrar, nessas ações de trabalho, possibilidades reais de ganho financeiro que viriam a custear suas necessidades e as de seus familiares, necessidades essas determinadas por um estilo de vida que não era próprio da cultura indígena, mas que se firmaram no seu contexto de vida por meio de um modelo econômico e cultural advindo do fortalecimento do processo de industrialização e do capitalismo.

O terceiro núcleo de significação representou o movimento, as transformações nos modos de pensar, de sentir e de agir após o trabalho nos canaviais. Para a psicologia histórico-cultural, a possibilidade do “novo” se estabelece não de maneira imediata, mas mediada por

elementos históricos objetivos e subjetivos. A esse respeito podemos citar Vigotski (2004, p.69), para quem “cada minuto do homem está cheio de possibilidades não realizadas”. Isto significa, portanto, que o homem, por meio de suas relações sociais, está sempre em movimento, constituindo novas maneiras de ser e atuar no mundo. Este momento da pesquisa assinalou o *depois* do trabalho nos canaviais para os guarani e kaiowá.

Nas entrevistas narrativas, fica evidenciado a decisão de deixar o trabalho nas usinas e retomar os estudos, buscando uma qualificação profissional revelou novas possibilidades. Dois dos entrevistados encontraram outras possibilidades de trabalho e desenvolvimento profissional e pessoal a partir das relações estabelecidas com outras pessoas que, em outro momento, também tiveram acesso a condições melhores. Ou seja, essa isso só foi possível pela mediação do outro. Esta categoria – mediação - nos permitiu olhar para os fatos e fenômenos reconhecendo a existência de um elemento intermediário numa relação que, até então, parecia ser direta, imediata e espontânea.

... A minha mãe converso comigo, né... falo: eu acho que você tem que volta estuda... porque isso aí não vai é... não vai da futuro nada não... você tem que volta estuda... e isso ... é só isso que a gente tem pra dá pra você... porque caso contrário, você vai se acaba nisso daí... e bem que ela falo, né... Aí eu voltei estuda de 99 pra 2000. Ai voltei estuda... (EN01)

... depois que ... é... casei com esse meu esposo ...aí esse era amigo da liderança... aí eu morava lá onde tá a represa.... Ai foi lá em casa e falou pra mim assim: você não quer trabalhar de merendeira lá na escola? que tá pra funciona lá a escola? ai eu falei pra ele: Eu vou pensa! e a escola estava bonita, pintando... ai um dia a liderança... você não quer trabalha na escola Saverá? Aí meu esposo falou assim pra mim: Se você quer trabalha... trabalha... aí de tardzinha o motorista da Funai, pegou o caminhão... foi, buscou minha mudança... tinha uma casa que construiu assim... aí deu pra nós mora... eu e meu esposo que nós entremo naquele escola... primeira vez trabalha... aí ... parei de i na usina com meu esposo) e trabalhei lá de merendeira, lá muito tempo...acho que era depois de oito anos... ai apareceu m projeto de quem quer estuda pra professora...tô procurando... falou pra mim... você não quer estuda? Pra você sai da cozinha, pra você ... é ... ensina nossas criança! falou pra mim, né! O projeto era Araverá... ai eu falei pra ele de novo...eu brinco muito com ele na época... né! eu vou pensa uma semana... aí domingo você vem almoço com nós daí eu ... nós vamo conversa bem... e ele veio no domingo de novo...foi lá em casa... aí eu falei pra ele: Eu vou! eu vou estuda! (EN02)

Outra categoria, não menos importante nesse processo de transformação e movimento, que permitiu superar as condições de vida é a contradição que sustenta o movimento de transformação constante da realidade, permitindo que as dicotomias razão-emoção, objetivo-subjetivo, sujeito-objeto, natural-histórico sejam superadas num processo que é dialético e mediado. As contradições existentes nesse processo residem justamente no

fato de que a mesma realidade social que os excluiu das inúmeras possibilidades de garantir a sobrevivência, de maneira digna, também foi capaz de inseri-los numa outra condição mais favorável e emancipadora, que é o contexto escolar.

Por outro lado, o terceiro entrevistado (em 03) não teve oportunidade, não encontrou pessoas que o ajudaram neste processo de mudança, de encontrar outras possibilidades. Nem lhe oferecendo outras perspectivas nem o incentivando a buscar, por si mesmo, novas possibilidades que lhe permitisse melhorar sua qualidade de vida.

Eu trabalho assim, mas não alcanço mais aquele que é novo... produção do novo não alcanço não! Eu tenho desejo de trabalha, mas só que a empresa não pega mais! a gente tá de idade, não tem estudo... né! agora mesmo tô parado, faço servicinho assim aqui ... (EN03)

Este terceiro núcleo define, precisamente, o caráter temporário e o movimento de transformação na vida dessas pessoas evidenciando a importância e o caráter imprescindível das mediações e das contradições, existentes neste processo, que culminou ou não na melhora da qualidade da vida material e, conseqüentemente, na ampliação da consciência, que é sinônimo de reflexão e intencionalidade. Inferimos, então, que quanto mais ampliada a consciência, maior será sua capacidade de influir na atividade, tendo em vista transformar a realidade.

A psicologia histórico-cultural é radical quanto a unidade entre fenômeno social e a constituição da subjetividade. O fenômeno social é um processo que só pode ser compreendido em sua totalidade quando se consideram as pessoas e suas possibilidades de agir, de se relacionar, de produzir as próprias representações dos objetos e de sua relação com ele. Do mesmo modo, a subjetividade também é considerada um processo que expressa a capacidade de vivenciar, registrar e comunicar essas experiências e utilizar estes registros.

O quarto núcleo, que objetivou as atuais condições de vida e as perspectivas para o futuro, remeteu ao caráter teleológico da atividade humana, como sendo um processo adequado a um fim, relacionado com as formas históricas específicas de trabalho, especialmente o trabalho alienado e estranhado da sociedade capitalista. O contrário seria agir de maneira consciente e livre, de modo que as condições de vida pudessem ser modificadas tendo a atividade de trabalho como a mediadora deste processo.

Na entrevista narrativa (EN 01) percebemos que a educação e as novas perspectivas de trabalho fez com que o entrevistado tivesse uma posição mais crítica e firme sobre seu futuro e da sua comunidade.

Por isso que eu não quero sair daqui porque aqui, vive em outro canto! é a comunidade já tem uma formação diferente, né! Essa divisão... da

comunidade em vista de outra aldeia por aí...você vê contra professor, é... comunidade contra professor... é aquela rixa... aqui a gente mantém... isso porque a maioria dos professores é mais que professor, então a gente procura trabalhar com isso, com o pai, com a mãe, nesse sentido da coletividade aqui... E muitas aldeia tem essa dificuldade, não é igual nós não! Aqui tem união... a escola conversa com tudo... igreja, capitão, rezador... tudo... nós enfrenta tudo o que vier! (EN 01).

Na entrevista narrativa (EN 02) não se percebe, com tanta clareza, essa união, mas enfatiza sua preferência por continuar a residir na aldeia, pelas amizades que possui ali e, principalmente, pelo sentimento de liberdade que aquele lugar lhe proporciona. Mais uma vez vemos as relações sociais mediando os modos de pensar, sentir e agir no mundo.

Eu moro sozinha ali, e ela mora na cidade... eu fico uma semana com ela lá na cidade... depois eu volto pra cá de novo... Não aguento fica lá, não! Tudo preso, você não vê o vizinho, o parente, não tem pra onde ir, fica preso dentro da casa! Eu não gosto de cidade, não tem amizade, lá! Tenho minha profissão aqui! (EN02)

Numa outra perspectiva, temos a entrevista narrativa (E 02 que evidencia a realidade de quem não tem outra alternativa, durante toda sua vida, senão o trabalho braçal. Não teve oportunidade de estudar e se profissionalizar. Agora com 53 anos e com saúde debilitada não encontra outra possibilidade que a aposentadoria.

Olha! da minha parte queria ser encostado... não adianta mais anda pra cima pra baixo na usina... se eu ir na usina... fala a mesma coisa... na outra usina na vai fala mesma coisa... vai olha na minha idade e vai fala... você já tem idade...e nessa idade quase não pega mais!

O trabalho e as relações sociais são, portanto, essenciais para o desenvolvimento. Não há características inatas, nem processos naturais de desenvolvimento, mas sim condições concretas, reais e objetivas que possibilitam às pessoas se apropriarem e objetivarem novas condições de sociabilidade humana.

Portanto, o trabalho nas usinas não possibilitou aos entrevistados dessa pesquisa que suas vidas fossem transformadas, pelo contrário, um deles, continua, depois de mais de trinta anos, nas mesmas condições – lutando pela sobrevivência – que lhe possibilite viver com alguma dignidade. Suas ações de trabalho, ao longo do tempo, não contribuíram para transformar os conteúdos da sua consciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou, por meio das entrevistas narrativas, que as necessidades que os fizeram buscar o trabalho nos canaviais eram as necessidades básicas de sobrevivência. A

usina representava, naquele momento, a esperança de construir uma história diferente, com menos pobreza e mais dignidade. A teoria de Leontiev (1978b) sobre necessidades e motivos nos auxilia na compreensão desta realidade. Segundo o autor, a necessidade nada mais é do que um impulso, uma tendência que, ao encontrar-se com o objeto se transforma em motivo. Assim, a ação do homem no mundo, considerando suas necessidades, só se efetiva quando este consegue significar algo do mundo social como possível para a satisfação das suas necessidades. É assim que a “possibilidade de realizar uma atividade que vá em direção da satisfação das necessidades, modifica o sujeito, criando novas necessidades e novas formas de atividades” (AGUIAR & OZELLA, 2013).

Portanto, o sentido dessa atividade para a população indígena aparece intrinsecamente ligado à melhoria das condições de vida, garantindo o necessário para si e para os outros, ou seja, a obtenção de renda para a própria pessoa, bem como para seus familiares, pois como afirma González-Rey (2004, p. 54) “as necessidades subjetivas aparecem a partir da ativação do sujeito diante de uma situação social da qual participa”.

Dessa maneira, o estudo reiterou que as necessidades se coadunam, ao mesmo tempo, com o sujeito e com a realidade na qual está inserido. Logo, se pode ponderar que os afetos têm um lugar na constituição dos sentidos, como um conteúdo da consciência, representativo da realidade que esses trabalhadores indígenas mantêm, sobretudo, com o que vivenciaram antes, durante e depois das usinas. Suas narrativas trazem sentimentos como tristeza, compaixão, solidariedade e respeito à dor do outro, não só frente à dureza do trabalho, mas também frente aos motivos da ida e da permanência nesse tipo de trabalho.

São esses elementos que materializam as ideias preconizadas pela psicologia histórico-cultural acerca da unidade de cognição e afeto na produção do sentido, derivado da vivência de objetos, fenômenos e processos históricos. As narrativas indicaram que os trabalhadores indígenas vivenciaram a contradição de vislumbrar, nas ações de trabalho nas lavouras, possibilidades reais de ganho financeiro que viriam a custear suas necessidades e as de seus familiares, necessidades essas determinadas por um estilo de vida que não era próprio da cultura indígena, mas que se firmaram no seu contexto de vida por meio de um processo econômico e cultural, advindo do fortalecimento do processo de industrialização.

Entretanto, as mesmas possibilidades que viabilizavam o acesso a bens de consumo, se mostraram insuficientes para manter a atividade laboral, porque se criou uma tensão entre os **elementos objetivos** que marcaram a situação do trabalho – as precárias condições oferecidas pelas usinas, as relações trabalhistas, o esgotamento físico e emocional decorrentes do distanciamento familiar e da sobrecarga diária de energia – e o que tudo isso representou

cognitiva e afetivamente a partir da vivência desse tipo de trabalho, ou seja, os **elementos subjetivos** decorrentes desse processo, confirmando que tanto os elementos objetivos quanto os subjetivos são produzidos em situações concretas, sejam sociais ou culturais.

Quanto ao funcionamento do *sentido* no conjunto da consciência humana, ou seja, a *interfuncionalidade* que ele – sentido - mantém com as demais funções psíquicas, tais como linguagem, o pensamento, a memória, as sensações, as percepções, atenção e sentimentos trazem um aspecto em comum, qual seja, em todas elas há alusão à função memória. Emerge a composição de um “antes”, um “durante” e um “depois” do trabalho nas usinas, o que denotou, sobretudo, que a experiência do trabalho na produção de cana-de-açúcar interferiu nas condições de vida de cada indígena ao longo de um tempo histórico, sobretudo porque essa vivência subjetiva do real emergia abastecida de pensamentos e sentimentos que sintetizava as relações entre o passado, o presente e o futuro.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J. & OZELLA, S. **Núcleos de significação como instrumento de para a apreensão da constituição dos sentidos**. *Psicologia Ciência e profissão*, 2006. n. 26 (2). p. 222-245. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932006000200006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 21/10/2023.

_____, W. M. J. et al Reflexões sobre sentido e significado. In.: BOCK, A. M. B. & GONÇVALVES, M. G. M. **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 54-72.

_____, W. M. J. & OZELLA, S. **Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação**. *R. bras. Est. pedag.*, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbeped/v94n236/15.pdf>. Acesso em 21/10/2023.

_____, W. M. J. et al. **Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações**. *Cadernos de Pesquisa*. V. 45, n. 155 p. 56-75. Jan./mar.2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/v45n155/1980-5314-cp-45-155-00056.pdf>. Acesso em 20/10/2023.

BRAND, A. **O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowa/Guarani: os difíceis caminhos da palavra**. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

_____, A. **Os complexos caminhos da luta pela terra entre os Kaiowá e Guarani no MS**. *Tellus*, ano 4, n. 6, p. 137-150, abr. 2004 Campo Grande – MS. Disponível em: <http://www.tellus.ucdb.br/index.php/tellus/article/view/82>. Acesso em 20/10/2023.

BUCKER, M. B. et al. **A força de trabalho indígena da Aldeia Amambai na Indústria sucroalcooleira em Mato Grosso do Sul (2010 – 2011)**. Albuquerque: revista de História,

Rev. Interd. em Cult.e Soc. (RICS), São Luís, v.10, n. 2, jul/dez.2024
ISSN eletrônico: 2447-6498

Campo Grande, MS, v. 4 n. 7 p. 185-212, jan./jun. 2012. Disponível em
<https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/4004>. Acesso em 21/07/2019.

DUARTE, N. **A individualidade para si**: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo. 3. ed. Campinas,SP: Autores Associados, 2013.

JOVCHELOVITCH, S. & BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: Um manual prático Petrópolis: Vozes, 2008. p. 90-113.

KAHHALE, E. M. S. P. & ROSA, E. Z. A construção de um saber crítico em psicologia. IN: **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 19-51.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário,1978a.

_____. **A. Actividade, Consciência e Personalidade**. 1978b (Maria Silvia Cintra Martins Trad.). Disponível em
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2309. Acesso em 21/10/2023.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 1844/2008.

_____, K. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I. São Paulo: Boitempo, 1867/2017.

OLIVEIRA, B. A. Dialética do singular-particular-universal. In.: Encontro de Psicologia Social e Comunitária. Anais do V Encontro em Bauru,SP. Abrapso, 2001. P. 1-24. Disponível em <http://stoa.usp.br/mpp5004/files/1/18602/ADialeticaDoSingularParticular>. Acesso em 20/10/2023.

REZENDE, S. B. A. **Potencialidades de desenvolvimento local dos kaiowá e dos guarani cortadores de cana-de-açúcar da aldeia Te'yikue**. 2011 (Dissertação de Mestrado) UCDB: Campo Grande-MS.

SOUZA, J. O. C. **O sistema econômico nas sociedades indígenas Guarani Pré-coloniais**. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 211-253, dezembro, 2002.

TONET, I. **Método científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Luckács, 2013.

VYGOTSKI, L.S. **Teoria e método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.